

28 JUN 1989

A solidão do calvário

Ricardo Noblat

O deputado Luiz Roberto Ponte, líder do governo na Câmara dos Deputados, não poderia ter sido mais direto nem mais claro. "O presidente José Sarney mandou dizer que fará o que os senhores decidirem", começou a contar aos presidentes de partidos reunidos na semana passada em uma das dependências do Congresso. "Se for para criar um superministério da Economia, ele criará", avançou o líder.



"Se for para extinguir ministérios, ele extinguirá. Se for para criar novos ministérios, não haverá problema", sugeriu. "Se for para demitir funcionários públicos, o governo demitirá." A reunião estendeu-se por mais de uma hora e terminou sem que os presidentes de partidos se entendessem em torno do que o presidente Sarney deveria fazer nos poucos meses de mandato que lhe restam.

Há 20 dias, em conversa com o empresário Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), o próprio Sarney comentou, depois de analisar as dificuldades que enfrenta: "O que vocês decidirem fazer, eu farei." Amato acreditava no sucesso de um pacto entre empresários, trabalhadores e políticos para ajudar o governo a afastar o perigo da hiperinflação. Saiu animado do encontro com Sarney.

Juntou mais de 80 pesos-pesados da indústria nacional para elaborar um documento com propostas para o pacto. O texto do documento foi encomendado ao economista Luiz Paulo Rosenberg, ex-assessor especial do presidente da República. Às vésperas de entrega dele ao presidente do Congresso, o senador Nelson Carneiro, os empresários resolveram mexer no que Rosenberg propusera. Deixaram o capítulo referente aos trabalhadores.

Retiraram o que abordava os sacrifícios que seriam ofertados pela indústria no altar do pacto. "Só com cheiro de pólvora no ar se fará o pacto", concluiu, amargo, um dos assessores de Amato. Os presidentes de partidos preferiram não despachar

receita alguma para o presidente da República. Preocupam-se com o destino da eleição de novembro próximo, é verdade. Temem que a hiperinflação a atrolele.

Mas não desejam ser parceiros do governo em mais uma tentativa de controle da inflação. Não acreditam que o governo poderá acertar dessa vez. Alguns líderes do PMDB ainda chegaram a se animar com a ideia do pacto. O candidato do partido a presidente da República está mal nas pesquisas sobre intenção de voto. Se o partido viesse, na prática, a assumir a condução do governo, quem sabe se não poderia melhorar a situação?

E, acertando, quem sabe não poderia empurrar seu candidato para as cabeceiras das pesquisas? Prevaleceu, ali, o bom senso — ou seja: a falta de confiança em que o governo seria capaz de honrar a palavra empenhada através do seu líder na Câmara. O governo não precisa que o Congresso lhe diga o que fazer para exorcizar o fantasma da hiperinflação. Não precisa, sequer, do Congresso para fazer o que achar que deverá fazer.

O atual, seguramente, foi o governo dos últimos 22 anos que mais promoveu drásticas mudanças na economia nacional. Fez o que quis. O Congresso se limitou a assistir e a aprovar. O Plano Cruzado, o Cruzado II, o Plano Bresser, a política do "feijão-com-arroz" e o Plano Verão não deram errado por culpa do Congresso que os avalizou — deram errado porque o governo não soube concebê-los direito ou gerenciá-los com eficiência.

Quando o presidente pede que o Congresso avie a receita para que governe, ou está, simplesmente, querendo ganhar tempo ou imagina dividir com terceiros o seu fracasso. O que inviabiliza qualquer tentativa de pacto para conjurar a hiperinflação é a absoluta falta de credibilidade do governo. É a ausência de credibilidade que remete a inflação para o alto — é mais isso do que qualquer outra coisa.

O governo que tanto quis o mandato de cinco anos parece condenado a cumprir a pena que escolheu até o último dia — sozinho, sem que ninguém lhe estenda a mão. Triste sina, a dele. Mais triste ainda para os que são obrigados a aturá-lo.

Sem ataques — De Roma, o candidato Colôr de Mello esclarece que não criticou Sarney em conversa com o presidente Mário Soares.